

NAS INSTÂNCIAS DO DISCURSO:

uma permeabilidade de fronteiras



Denize Elena Garcia da Silva
(Organizadora)

EDITORA

UnB


OFICINA EDITORIAL
Instituto de Letras - UnB

A obra representa uma aproximação profícua de pesquisadores de diversas instituições, cujos artigos, em lugar de refletir diferentes paradigmas do pensamento lingüístico, revelam o esforço de cada um dentro de suas áreas específicas na busca de caminhos que favoreçam o ensino do vernáculo e garantam a compreensão do uso da língua como prática social.

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE),
Denize Elena Garcia da Silva (UnB),
Jacob L. Mey (Odense University -
Dinamarca), Maria Carmen Aires
Gomes (UFV), Izabella dos Santos
Martins Mendes (UFMG), Janaina
Minelli de Oliveira (UFMG), Dina
Maria Martins Ferreira (UPM-SP),
Heloísa Marques Miguel (UFG), Ivone
Tavares de Lucena (UFPB), Carmem
Cecília Camatari Galvão (FJMJ), Lillian
Márcia Simões Zamboni (Unicamp/SP),
Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS),
Eline Alcântara dos Santos (Uneb),
Maria Francisca de Oliveira Santos
(UFAL) e Cibele Brandão (UnB)

NAS INSTÂNCIAS
DO DISCURSO:
uma permeabilidade de fronteiras



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Reitor
Lauro Morhy

Vice-Reitor
Timothy Martin Mulholland



Diretor
Alexandre Lima

Conselho Editorial
Presidente
Henryk Siewierski

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,
Dione Oliveira Moura, Jader Soares Marinho Filho,
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



OFICINA EDITORIAL
Instituto de Letras - UnB

Conselho Editorial
Aryon Dall'Igna Rodrigues, Germana Henriques P. de Sousa,
Heloisa Maria Moreira de Lima A. Salles, Henryk Siewierski,
Rogério da Silva Lima, Vilma Reche Correa



Denize Elena Garcia da Silva
Organizadora

NAS INSTÂNCIAS
DO DISCURSO:
uma permeabilidade de fronteiras



Equipe Editorial

Rita de Cássia da Silva Pedroso de Albuquerque – *Preparação de originais e editoração eletrônica*

Regina Maria Furquim Freire da Silva e Carmem
Cecília Catamari Galvão – *Revisão*

Roberta Elena da Silva Bocchino – *Capa*

Copyright © 2005 by Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora)

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília
SCS, Q. 02, Bloco C, Nº 78, Ed. OK – 2º andar
70300-500 – Brasília-DF
Tel: (61) 3035-4200 – Fax: (61) 3225-5611
www.livrariauniversidade.unb.br – editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
Central da Universidade de Brasília

N241 Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras / Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora). – Brasília : Editora Universidade de Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2005.
204 p.

ISBN 85-230-0836-5

1. Análise de discurso crítica. 2. Lingüística textual.
3. Sociolingüística internacional. I. Silva, Denize Elena Garcia da.

CDU 801

*Ao meu Roberto e a cada Paulo
da minha vida*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	11
APRESENTAÇÃO	13
PARTE I – DISCURSO E GRAMÁTICA	19
DISCURSO, COGNIÇÃO E GRAMÁTICA NOS PROCESSOS DE TEXTUALIZAÇÃO <i>Luiz Antônio Marcuschi</i>	21
DISCURSO E GRAMÁTICA: MOTIVAÇÕES COGNITIVAS E INTERACIONAIS <i>Denize Elena Garcia da Silva</i>	37
DISCURSO, GRAMÁTICA E PRAGMÁTICA <i>Jacob L. Mey</i>	49

PARTE II – DISCURSO E MÍDIA.....63

**A VOZ E O *ETHOS* MÉDICO-CIENTÍFICO NO TEXTO DE
INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIO**

Maria Carmen Aires Gomes 65

**UM CASO DE POLÍCIA: AS REPORTAGENS POLICIAIS EM
DOIS JORNAIS IMPRESSOS BRASILEIROS, ABORDADAS À
LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Izabella dos Santos Martins Mendes 77

**AÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO INFORMAÇÃO CIENTÍFICA
TRANSMITIDA POR MEIO DO JORNAL TELEVISIVO
BRASILEIRO**

Janaina Minelli de Oliveira 87

**PARTE III – DISCURSO, GÊNERO SOCIAL E
IDENTIDADE.....99**

**CONSTRUTO IDENTITÁRIO FEMININO NA BUSCA DO
METAINSTÁVEL: *ENEIDA* DE VERGÍLIO E MÍDIA DA
ATUALIDADE**

Dina Maria Martins Ferreira 101

A CATEGORIA DO TEMPO EM “O CHAMADO DAS PEDRAS”

Heloisa Marques Miguel 111

**A INSCRIÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DA MÚSICA
NORDESTINA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE?**

Ivone Tavares de Lucena 125

PARTE IV – GÊNERO, IDENTIDADE E ARTICULAÇÃO DAS DIFERENÇAS.....	135
GÊNERO DISCURSIVO ANAMNESE: PRIMEIROS DESVELAMENTOS	
<i>Carmem Cecília Camatari Galvão</i>	<i>137</i>
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CIÊNCIA OU JORNALISMO?	
<i>Lilian Márcia Simões Zamboni</i>	<i>145</i>
SEMIÓTICA GREIMASIANA E ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL	
<i>Gláucia Muniz Proença Lara</i>	<i>155</i>
PARTE V – DISCURSO ACADÊMICO, INTERAÇÃO E COMPORTAMENTO NÃO-VERBAL	167
SUJEITO-PROFESSOR: MULTIPLICIDADE DE POSIÇÕES	
<i>Eline Alcântara dos Santos</i>	<i>169</i>
OS ASPECTOS NÃO-VERBAIS E VERBAIS NA INTERAÇÃO DO DISCURSO DE SALA DE AULA: RESULTADOS PRELIMINARES	
<i>Maria Francisca de Oliveira Santos</i>	<i>179</i>
ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS NÃO-VERBAIS NO PROCESSO DE VARIAÇÃO ESTILÍSTICA	
<i>Cibele Brandão</i>	<i>191</i>
COLABORADORES.....	201

AGRADECIMENTOS

Aos colegas que atenderam à chamada de trabalho para o VI ENIL, brindando-nos não só com a presença, mas sobretudo com a pontualidade na entrega dos artigos, vão os primeiros agradecimentos, pois da resposta concretizada no texto de cada um surgiu este livro.

Além dos colaboradores que assinam os capítulos, três pessoas especiais apoiaram-me durante a fase de organização e montagem: Rita de Cássia encarregou-se da árdua tarefa de formatação e diagramação dos originais, Roberta Elena foi responsável pela parte artística de criação da capa, enquanto Paulo Lindemberg facilitou-me o acesso às ferramentas dos programas de informática, com seu suporte técnico e sua paciência. Os três são meus filhos, razão pela qual meu agradecimento e meu afeto brotam do fundo do coração.

O apoio parcial da Capes e o incentivo do Instituto de Letras da UnB, somados à generosidade da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC), que não poupou esforços para garantir o sucesso do VI ENIL, representaram o baluarte seguro para as apresentações dos trabalhos de pesquisa, aqui representados nos quinze artigos selecionados.

Entre as pessoas que direta ou indiretamente não mediram esforços para enviar-me apoio incondicional a todo momento, mesmo que de lugares distantes, registro dois nomes: Marcuschi e Benedito. O primeiro, além de colaborador e amigo, é o grande incentivador na escalada dos estudos do discurso. Na sua trilha, segue Benedito Gomes Bezerra,

Agradecimentos

doutorando do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFPE, o responsável pela tradução do artigo de Jacob Mey. Aos dois, que me sensibilizaram pelos gestos de solidariedade, um agradecimento especial.

Agradeço ainda a todos os colegas e alunos do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília que auxiliaram na realização do VI ENIL, de modo especial à Maria Christina Diniz Leal, cuja atuação no trabalho da comissão científica foi de um valor inestimável. Meus agradecimentos também à Lúcia Maria Pinheiro Lobato, pois, mais que significar uma presença marcante no evento, contribuiu efetivamente por meio de ações e de palavras de incentivo. Ambas, que nos privilegiam com lições de vida todos os dias, constituem exemplo de compromisso profissional, dedicação, seriedade e elegância na vida acadêmica.

Por fim, o agradecimento a meu esposo e companheiro pelo altruísmo e pela compreensão diante de determinados momentos da minha vida acadêmico-profissional.

Denize Elena Garcia da Silva

**PARTE IV - GÊNERO, IDENTIDADE E
ARTICULAÇÃO DAS DIFERENÇAS**

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CIÊNCIA OU JORNALISMO?

Lilian Márcia Simões Zamboni

Introdução

O discurso da divulgação científica (DC) tem constituído um campo fértil de investigação para os analistas de discurso (particularmente os filiados à linha francesa), devido ao fato – reconhecamos: excepcional – de revelar o fenômeno do dialogismo como uma verdadeira *mise-en-scène* da alteridade (Authier, 1982). Apoiada firmemente numa abordagem que postula o discurso como produto do interdiscurso e na concepção de dialogismo tal como veiculada pelo círculo de Bakhtin, a pesquisadora francesa investiga o fenômeno da heterogeneidade no terreno da divulgação científica e descobre, nesse *locus*, a manifestação de “uma atividade enunciativa da qual a divulgação é o produto, uma representação de sua própria produção” (Authier, 1982:36), na medida em que, no quadro global de discurso relatado, funciona uma “dupla estrutura enunciativa”, na qual os diversos elementos intervenientes – os interlocutores e o quadro de enunciação do discurso-primeiro, os interlocutores e o quadro de enunciação do discurso-segundo – são colocados em ação de maneira vigorosa.

Buscando depreender as formas portadoras do que chamou de “não-coincidência interlocutiva” (Authier-Revuz, 1990), a autora apresenta

uma distinção entre i) as expressões que tentam evitar a duplicidade *um-outro*, na busca de restaurar a unicidade; e ii) as expressões que demonstram a consciência da duplicidade *um-outro* e fazem trabalhar os dois. Estão vinculadas a este segundo grupo as seqüências tipicamente manifestas na divulgação científica, quando o divulgador utiliza as palavras do *outro* (no caso, do cientista) consoante a fórmula "as palavras que eu utilizo são as tuas, não as minhas".

Heterogeneidade discursiva

A noção de heterogeneidade – que veio a marcar a chamada terceira época da análise do discurso francesa (AD) – despontou graças à permanente recusa de muitos estudiosos em admitir ontologicamente a existência de entidades monolíticas, homogêneas e unas do campo da linguagem. Passou-se a suspeitar da estreiteza de uma concepção que circunscrevia o sujeito a traços de homogeneidade e unicidade. Antes de fazer implodir a noção de sujeito uno, já se revelavam na AD suspeitas da mesma natureza sobre a concepção até então estabelecida de formação discursiva (FD). Dessa suspeição, ou de uma falta de acomodação do conceito foucaultiano ao quadro conceptual da AD, resultaria a vitalidade da noção de interdiscurso, com o reconhecimento de que não há um limite rígido que separa o "interior" de uma formação discursiva do seu "exterior", dada a irrupção de múltiplas linguagens onde se esperaria ocorresse uma única. Maingueneau (1984:11) chega a afirmar que "a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos."

A noção de heterogeneidade

[...] começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu 'exterior': uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente 'invadida' por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de 'pré-construídos' e de 'discursos transversos'). (Pêcheux, 1990: 314).

Na esfera de alcance da subjetividade, a tendência a reconhecer a heterogeneidade provoca uma relativização no par *eu-tu*, que vai apresentar como conseqüência o *outro* como constitutivo do sujeito, compartilhando com esse último o espaço discursivo da enunciação. Assim, toda fala "é determinada de fora da vontade do sujeito" de tal modo que este "é mais falado do que fala" (Authier-Revuz, 1984).

Tomando por base as reflexões do círculo de Bakhtin, Authier-Revuz (1982) formula o princípio da heterogeneidade constitutiva do discurso e o da heterogeneidade mostrada no discurso. Retomo-os sucintamente. O primeiro está ligado aos processos reais de constituição de um discurso: o segundo, aos processos de representação (mas nem por isso irrealis ou menos reais), em um discurso, de sua constituição. A heterogeneidade constitutiva dá conta da presença inevitável do *outro* no discurso, ou seja, de uma exterioridade interna ao sujeito, onde jogam o interdiscurso e o inconsciente. Para tal lingüista, a heterogeneidade constitutiva liga-se, em outra vertente, à questão do discurso como produto do interdiscurso, com seu funcionamento regulado do exterior, do pré-construído, para o que se faz necessária uma teoria da ilusão subjetiva da fala. A concepção de um sujeito como entidade não-homogênea articula-se com a idéia psicanalítica do discurso atravessado pelo inconsciente, donde resulta um sujeito "descentrado, dividido, clivado, barrado...", portador da ilusão necessária de "ser o eu".

A heterogeneidade mostrada afirma a figura de um enunciador exterior ao discurso do sujeito, por meio de "formas lingüísticas que representam os diversos modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva de seu discurso." (Authier-Revuz: 1982:99). A unicidade aparente da cadeia discursiva resta alterada, pois nela entraram formas nas quais se inscreveu o *outro*.

A heterogeneidade constitutiva do sujeito e do seu discurso encontra-se fortemente vinculada à noção bakhtiniana de "dialogismo". O termo refere-se à "dialogicidade interna do discurso" (Bakhtin, 1993:88), fenômeno que participa da estrutura interna de todo discurso. Criticando a filosofia da linguagem e a lingüística por terem estudado o diálogo apenas como uma forma composicional de construção do discurso, extraído da realidade viva do discurso, Bakhtin estabelece o dialogismo como propriedade intrínseca de todo discurso, tanto das réplicas quanto das enunciações monológicas.

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de todo discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (Bakhtin, 1993:88).

O princípio do dialogismo assume, nos escritos de Bakhtin, uma dupla perspectiva. De um lado, o dialogismo faz com que as "palavras dos outros" penetrem interativamente em qualquer discurso. Ao contrário de um aparecimento adâmico, as palavras não são neutras, nem virgens – assumem sua existência de palavras nos discursos nos quais adquiriram uma vida socialmente sustentada.

A outra perspectiva que assume a dialogicidade interna do discurso está no fato de todo discurso, tanto nas formas retóricas quanto nas monológicas, ser orientado para um interlocutor (real ou pressuposto, não importa). Ademais, o discurso "não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada" (Bakhtin, 1993:89), uma vez estar já "imediate e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-se nela." (*idem, ibidem*)

Vê-se que o foco de uma análise do discurso que recorta de tal maneira o objeto de ciência está centrado predominantemente nas formas de interveniência do *outro* no discurso, nas marcas por meio das quais a presença do *outro* vai pontuando o fio de discurso, na assunção de uma exterioridade interna ao sujeito, na qual jogam o interdiscurso e o inconsciente. Desviando-se o foco de análise para um outro lugar do quadro discursivo, donde emanam as particularidades oriundas do pólo do **eu**, é de se prever que despoitem outros resultados, que podem trazer nova caracterização ao fenômeno iluminado. Vamos, portanto, girar a lanterna.

A subjetividade mostrada

Recusando-me a ver na atividade de produção da divulgação científica apenas uma modalidade de reformulação textual-discursiva, embora admitindo a heterogeneidade discursiva como um fenômeno que se manifesta na formação discursiva da divulgação científica, defendo a participação de um sujeito ativo na produção do discurso vulgarizado da ciência, que desempenha aí um *trabalho efetivo de formulação discursiva*, e não de mera reformulação (Zamboni, 2001).

Para dar conta desse trabalho que se faz não apenas *com a língua*, mas também *sobre a língua*, é preciso reconhecer a concorrência de um sujeito, cuja ação adquire visibilidade na exata medida em que constrói um estilo (Possenti, 1988). Assume-se, *ipso facto*, que a atividade do falante é de natureza constitutiva, vale dizer: a atividade da linguagem, muito mais do que *ação com a língua*, é, também e simultaneamente, *ação sobre a língua*. É a atividade de constituição que transforma o locutor em sujeito. Se a emergência do *outro* é condição inegável da

existência de todo discurso, a presença do *eu* é a condição prévia da enunciação na qual aparece o *outro*. Torna-se imprescindível, portanto, admitir o trabalho do *eu*, que, tal como o do *outro*, deixa marcas de sua intervenção na construção e formulação do discurso da divulgação científica.

Encontro apoio para sustentar tais asserções nas posições teóricas de Possenti, principalmente no texto *O "eu" no discurso do "outro" ou a subjetividade mostrada*, de 1995. Aceitando as premissas da análise do discurso francesa, Possenti (1995) postula que o reconhecimento da presença do *outro* não constitui razão para se eliminar a necessidade de invocar o trabalho do sujeito falante no discurso. Criticando interpretações radicais que fazem derivar, de enunciados como "O sujeito não é uno", a idéia de que simplesmente o sujeito não existe, o autor resguarda sua defesa de um espaço para o *eu* prevenindo-se contra inferências errôneas acerca de sua posição. Admitir o trabalho do sujeito na língua não é atribuir a esse sujeito o pleno poder sobre sua consciência, intenção, origem do sentido, unicidade etc. e negar o inconsciente, o histórico, o social, o imaginário.

Analizando textos construídos a partir de modelos estereotipados ou muito conhecidos, o autor vê neles uma "inscrição de subjetividade", que revela o trabalho de um sujeito operando sobre e a partir de outro texto ou de um texto de outro. Torna-se visível, nesses casos, não apenas a presença do *outro* no discurso, mas também a interferência do *eu*.

Possenti percebe ocorrer esse trabalho marcadamente explícito do *eu* em textos curtos, de efeito humorístico, nos quais a parte mais "afetada" pelas interferências do *eu* à maneira de um jogo discursivo parece ser a materialidade lingüística, o significante. O autor defende a idéia de que, nesses jogos, "há um espaço para o eu, ou, mais do que isso, que se trata de um jogo que não seria possível sem o eu (...)" (p. 50).

Um dos dados que Possenti analisa é o enunciado "O Senhor é meu pastor e nada me faltará", publicado em novembro de 1989 no jornal humorístico Planeta Diário. Nesse enunciado inscreve-se, para Possenti, "um sujeito tentando não deixar intocado um discurso de poder", no caso, o poder político, pois ele remete ao caso da venda de um partido pequeno a Sílvio Santos, cujo nome real é Senhor Abravanel, que precisava, na época, de um partido para lançar sua candidatura a Presidente da República. Quem lhe vendeu o partido era pastor de uma seita religiosa, donde a remissão ao texto bíblico. Nesse dado, a estratégia do *eu*, para Possenti, "é apresentar-se como se fosse um outro, mas, sutilmente, imiscuir-se no discurso conhecido, no discurso do outro, alterando-o e deixando a marca de sua presença." (p. 51).

Em dados dessa natureza, a ação do sujeito é claramente mostrada, sendo impossível não detectá-la. Está-se diante, então, de casos que Possenti chama de *subjetividade mostrada*.

Exemplares para mostrar a subjetividade mostrada são ainda os provérbios. Pode ocorrer neles, por exemplo, a intervenção ativa de um sujeito que produz, pela alteração, algo novo, que pode ser um outro enunciado com a forma do provérbio primitivo. Ou pode ocorrer que o sujeito intervenha no provérbio de modo a provocar uma dada inversão em algum de seus componentes, ou na ideologia, como é o caso do segundo exemplo citado abaixo. Exemplo do primeiro caso é o que fez o apresentador de televisão Faustão, modificando um antigo provérbio bastante conhecido para: "Quando um não quer, o outro vira pro outro lado e dorme". Do segundo, é o que fez Chico Buarque na música "Bom Conselho", produzindo enunciados como: "Quem espera nunca alcança", "Devagar é que não se vai ao longe".

Neste ponto, é importante reter que a atividade do sujeito não pode ser desconsiderada "nas análises de determinados tipos de dados e para que seja possível ao analista dar-se conta de certos tipos de efeito." (p. 53). Outro ponto importante é prevenir quanto à possibilidade de a ação do sujeito se dar de forma diferente nos diferentes tipos de discurso, fato que requer critérios de análise específicos para sua explicação. De fato, tomando a construção do discurso científico e a do discurso da divulgação científica, numa larga visão panorâmica, não podemos dizer que tais discursos permitam perceber a interferência do *eu* no discurso do *outro*, da forma exemplar como o fazem e se oferecem ao analista os dados analisados por Possenti. O discurso científico, talvez o pólo que mais se distancia desses dados, se estrutura num certo sistema de normas e valores que buscam privilegiar e desejam obter o "ocultamento" da subjetividade, da origem enunciativa, ainda que aqui e ali apareçam índices de subjetividade, que revelam, no discurso da ciência, "um fazer persuasivo" (Coracini, 1991).

Já o discurso da DC opera de maneira diferente. Usando o discurso científico como uma fonte válida e legítima, constrói um discurso que não parece querer esconder o trabalho do *eu* atrás da cortina da objetividade, mas que até o mostra em vias de se produzir, como percebeu Jacqueline Authier na divulgação científica francesa. Além disso, a divulgação agencia uma série de estratégias e recursos retóricos, alguns dos quais habituais ao campo da publicidade e do *marketing*, como, por exemplo, a busca de envolvimento com o leitor, a que não se permitiria o cientista ao produzir um *paper*.

O discurso da DC: reformulação ou formulação de um novo discurso?

A partir da análise de material variado de divulgação científica (*Ciência Hoje, Globo Ciência, Superinteressante, Saúde! caderno Ciência*

da Folha de S. Paulo), foi-se firmando minha discordância em relação às interpretações que caracterizam o discurso da DC como uma mera atividade de reformulação que transforma um discurso-fonte (no caso, o científico) em um discurso-alvo, ou discurso-segundo (o da divulgação científica). Nessa vertente inclui-se Jacqueline Authier. Em consequência dessa concepção, o discurso da vulgarização incorporaria a imagem de um discurso da ciência “degradado”, de uma representação auto-estabelecida como “aproximativa, heterogênea, dialógica”, num lugar “onde se celebra, ausente, um discurso absoluto, homogêneo, monológico, do qual ele mesmo não seria senão uma imagem degradada.” (Authier, 1982:46).

Ocorre que Authier interpreta a “maquinaria visível” das operações no fio do discurso quando se “traduz” o discurso científico para o discurso vulgarizado como manifestação da heterogeneidade mostrada. Seu olhar privilegia a enunciação do *outro* no discurso do *eu*.

Olhando os dados, entretanto, com um referencial teórico que busca apreender o trabalho do *eu*, pode-se interpretar as marcas do trabalho de “tradução” do discurso-fonte para o discurso-alvo como *realizações efetivas do sujeito*, ou seja, como a manifestação da subjetividade mostrada (Possenti, 1995). Assim, nos segmentos onde o enunciador operou uma justaposição do tipo, por exemplo, “A, isto é, B” estaria a marca de uma subjetividade, que poderia ser entendida como submissão às coerções de uma dada formação discursiva (interpretação cara para a AD) ou como a busca de estratégias para vencer obstáculos de comunicação (idéia pertinente à pragmática). O que os dados me revelaram é que, longe de se representar como um discurso degradado, o discurso da divulgação científica é *vivo, colorido e envolvente*.

Divulgação científica: um gênero de discurso específico

O discurso da divulgação científica constitui, a meu ver, *um trabalho de efetiva formulação de um discurso novo*, do qual resulta a instituição de *um gênero de discurso específico* (Zamboni, 2001, capítulo 4), autônomo em relação ao discurso científico, que compartilha das propriedades definidoras dos gêneros discursivos, nos moldes definidos por Bakhtin. Para defender a caracterização do discurso da DC como um gênero discursivo próprio, busquei apoio em Bakhtin (1992:203), que diz: “Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo.”

Os gêneros refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas de utilização da linguagem no tocante a três

aspectos: conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional. É inegável que a DC responde adequadamente ao primeiro desses aspectos, dada a centração no assunto “ciência”. Por estilo, entende Bakhtin a seleção entre os recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua. Dadas suas condições de produção específicas, o discurso da DC abre-se para o emprego de analogias, generalizações, aproximações, comparações, simplificações, recursos que contribuem para corporificar um estilo que vai se constituir como marca da atividade vulgarizadora. No aspecto composicional, as formas de estruturação do discurso da DC e as diferentes relações entre a instância do locutor e a do destinatário vão pôr em funcionamento procedimentos discursivos variados, nos quais se incluem: a recuperação de conhecimentos científicos tácitos, fórmulas de envolvimento, segmentação da informação, além de outros.

Segundo ponto importante: o discurso da DC não pertence ao campo do discurso científico. Uma vez que toda a configuração das condições de produção da DC é outra, diferente daquela que cerca a produção do discurso científico, outro será o resultado gerado nessas novas condições. Não se produz mais um discurso científico, nem sequer está ele situado no campo científico. Portanto, o divulgador, seja ele um cientista ou um jornalista, não está produzindo *papers*. Muito menos *papers* em linguagem leiga. A produção de matérias de divulgação científica se dá num gênero de discurso determinado, específico, que não se confunde com a produção de matérias de ciência.

Tal assunção estabelece uma nova ordem discursiva. Nessa nova ordem, não cabe demandar dos discursos vulgarizadores os mesmos imperativos aos quais responde o discurso da ciência. A DC pode ser melhor concebida se enquadrada num sistema produtivo que faz da ciência uma mercadoria à cata de consumidores (ou de financiamentos...).

Referências bibliográficas

AUTHIER, J. La mise-en-scène de la communication dans des discours de vulgarisation scientifique. *Langue Française*, 53, Paris, Larousse, 1982, p. 34-47.

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV – Revue de linguistique*. Paris, Centre de recherché de l'université de Paris VII/CNRS, n.26, 1982, p. 91-151.

_____. Hétérogénéité(s) énonciative(s). *Langages*. Paris, Larousse, n. 73, 1984, p. 98-111.

_____. La non-coïncidence interlocutive et ses reflets meta-énonciatives". *In: BERRENDONER, A. & PARRET, H. (Eds.). L'interaction communicative*. Berne/Frankfurt/New York/ Paris: Peter Lang, 1990.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 3.ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1993.

CORACINI, M.J.R.F. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Educ/Campinas: Pontes, 1991.

MAINGUENEAU, D. *Genèses du discours*. Liège/Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984.

PÊCHEUX, M. A análise do discurso: três épocas (1983). *In: GADET, F. & HAK, T. (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obras de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora UNICAMP, 1990. Col. Repertórios, p. 311-318.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. O 'eu' no discurso do 'outro' ou a subjetividade mostrada. *Alfa*, São Paulo, 39, 1995, p. 45-55.

ZAMBONI, L.M.S. *Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica*. Campinas: Autores Associados/Fapesp, 2001.

COLABORADORES

Carmem Cecília Camatari Galvão
Professora da Faculdade Jesus, Maria e José – Taguatinga (DF)
Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Cibele Brandão
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula
da Universidade de Brasília – UnB
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB

Denize Elena Garcia da Silva
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula
da Universidade de Brasília – UnB
Doutorado em Lingüística Hispânica pela Universidad Nacional Autónoma
de México – UNAM

Dina Maria Martins Ferreira
Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade
Presbiteriana Mackenzie (SP)
Doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Colaboradores

Eline Alcântara dos Santos

Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Gláucia Muniz Proença Lara

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral pela Universidade de São Paulo – USP

Heloisa Marques Miguel

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiânia – UFG

Ivone Tavares de Lucena

Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa

Izabella dos Santos Martins Mendes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Jacob L. Mey

Professor Emérito da Universidade do Sul da Dinamarca, Odense

Doutorado em Filosofia pela Universidade de Zaragoza, Espanha

Janaína Minelli de Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Lilian Márcia Simões Zamboni

Consultora Legislativa do Senado Federal – Brasília (DF)

Doutorado em Lingüística pela UNICAMP

Luiz Antônio Marcuschi

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutorado em Filosofia da Linguagem pela Universidade de Erlangen-Nürnberg, Alemanha

Maria Carmen Aires Gomes

Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa – UFV

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Maria Francisca de Oliveira Santos

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE



Dupligráfica Editora
SIG/Sul Qd. 08 n° 2396 - Brasília/DF
Fone: (61) 3344-1918 - Fax: (61) 3344-1924
e-mail: dupligráfica@terra.com.br

**OUTROS LANÇAMENTOS DA
EDITORA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Minhas cartas e as dos outros

(volumes 1 e 2)

Carlos Lacerda

A crise do modelo francês

Denis Rolland

**Agrotóxicos: mutações, câncer &
reprodução**

Cesar Koppe Grisolia

Introdução à cinemática relativística

José de Lima Acioli

Novos estudos sobre línguas indígenas

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Simmel e a modernidade

(2.^a edição)

Jessé Souza e Berthold Öelze

(Organizadores)

**A pós-graduação no Brasil: formação
e trabalho de**

mestres e doutores no país

(volume 1 - 2.^a edição)

Jacques Velloso (Organizador)

**Psicologia e conhecimento: subsídios
da psicologia do desenvolvimento
para a análise de ensinar e aprender**

Maria Helena Fávero

Itinerários de Barbara Freitag

Sergio Paulo Rouanet, Nair Heloisa

Bicalho de Sousa e Maria Francisca

Pinheiro Coelho (Organizadores)

Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras compreende cinco partes. A necessidade de uma mudança de perspectiva na relação entre discurso e gramática, acentuada pela preocupação decorrente de questões voltadas para o ensino gramatical, equivale ao fio central que enlaça três artigos reunidos na primeira parte. As reflexões que tomam como objeto de análise textos veiculados na mídia marcam a segunda parte do livro, composta por três estudos, cujos autores dialogam com teorias críticas que enfocam o discurso como prática social. Ao mostrar que a língua é atividade estruturante e constitutiva, três artigos configuram a terceira parte, que envolve questões de natureza semântica e de cunho ideológico plasmadas no discurso literário. Seus autores, além de mostrarem que lingüística e literatura não se excluem, colocam em evidência não só valores políticos, inseridos em contextos sócio-históricos, mas também questões que envolvem gênero social e identidade. Em favor de uma política de representação, diferentes discussões sobre gênero discursivo, fortalecidas pela busca de articulação de diferenças epistemo-lógicas, perpassam os artigos da penúltima parte. Ilustrando ainda a permeabilidade de fronteiras que delimitam as instâncias do discurso, três artigos conformam a parte final. São reflexões de pesquisas que se estendem desde a multiplicidade de posições do sujeito-professor até as facetas que envolvem o comportamento verbal e não-verbal, presentes na dinâmica de interação em contextos acadêmicos.

CÓD. EDU 387495

ISBN 85-230-0836-5



9 798523 008368